

Congresso Psicologia Ciência e Profissão**São Paulo, 05 a 09 de setembro 2006.****Caso: Abuso Sexual, Homossexualidade, HIV E Suicídio.****Psicóloga: Lara Beatriz Fuck – CRP 12/01342**

O trabalho foi realizado em termos interdisciplinares, com a participação dos seguintes profissionais: Psicóloga Ana Cláudia de Souza, CRP 12/01567, Psicóloga Luciana da Veiga Cascaes, CRP 12/01361, em articulação com os profissionais: filósofo Pedro Bertolino, médico infectologista Dr. Antonio Miranda, médico neurologista Dr. Paulo Bittencourt, e o médico clínico geral Dr. Júlio César Côrrea. Sendo eu, Lara Beatriz Fuck, CRP 12/01342, psicóloga titular do caso.

Todos os nomes e elementos que permitissem a identificação do paciente ou de sua família foram trocados, sem prejuízo para a ancoragem empírico-científica das ocorrências. E o paciente assinou autorização para a comunicação deste caso, nos termos em que está aqui exposto, encontrando-se tal documento com registro em cartório em poder da psicóloga responsável.

1. Clima Antropológico de Igor:

Igor 34 anos, pai de um garoto na faixa dos 13 anos, que mora com a mãe e avó do menino. Manteve relações sexuais com mulheres, mas em grande parte com homens. Seus pais e irmãs têm conhecimento de sua situação de portador de HIV, desde 1997, homossexual e usuário de drogas.

Até iniciar o processo psicoterapêutico Igor, passou diversas vezes por tentativas de suicídio:

- a) Às vésperas de iniciar o processo psicoterapêutico, com veneno de rato;
- b) Aos 18/19 anos, com o revólver do pai;
- c) Noutra ocasião tentou cortar os pulsos;
- d) Aos 12/13 anos fazia coquetel com medicações;
- e) Nesta mesma época brincava de enforcar-se com as próprias mãos: era um menino muito infeliz.

Aos 5/6 anos, Igor estava brincando de esconder com outros meninos com faixa etária equivalente à sua, quando foi esconder-se num pátio vazio onde havia uma lixeira desativada. Lá encontrou um

rapaz, com 15 anos, que abriu as calças e pediu para que ele o masturbasse. Ocorreu-lhe ao mesmo tempo curiosidade por ver um pênis de homem adulto, e medo. Mas, o rapaz o chantagiou ameaçando contar a seus pais e Igor o masturbou.

Dois meses depois do episódio da lixeira, um amigo daquele rapaz, veio ao seu encontro, dizendo-lhe que sabia do ocorrido e queria que ele fosse até o seu apartamento. No apartamento, o rapaz, também com 15/16 anos, abriu as calças, tirou as calças de Igor, colocando o pênis entre as pernas dele. Esse episódio se repetiu no mesmo ano. Igor, quando ia para essas situações, era atraído pela curiosidade da situação e entrava no medo, pois sabia que era errado, e tinha medo de que aquilo se tornasse conhecido de seus pais.

Os pais levaram Igor ao médico neurologista porque ele batia a cabeça no travesseiro antes de dormir, e não se socializava com as demais crianças. O médico realizou um eletroencefalograma, que apresentou normalidade, e receitou o uso de gardenal. Igor usou esta medicação por mais ou menos quatro anos. Os pais também o levaram pela primeira vez ao psicólogo, aos 7 anos, que lhe deu o diagnóstico de retardo mental de dois anos. Ele entrou na primeira série, e foi reprovado, por solicitação da própria mãe, que trabalhava na mesma escola: porque ele sabia ler, mas não sabia escrever. As professoras muitas vezes conversavam com a sua mãe, sobre o isolamento do menino.

Aos 11 anos, quando estava saindo da escola, com a sua mãe, outros meninos cantaram para ele a música do Capitão Gay. A mãe lhe perguntou porque ele não havia feito nada, aceitando que lhe dissessem aquilo. Depois deste acontecimento, Igor, sempre buscava sair da escola sem a companhia de sua mãe para evitar ser objeto de gozação diante dela. Aos 12/13 anos, fez psicoterapia por mais ou menos um ano. A psicóloga disse aos pais que o episódio de abuso sexual sofrido por ele aos seus seis anos na lixeira, fora “fantasia” e refutou o diagnóstico de retardamento mental.

Aos 12 anos, Igor envolveu-se com dois irmãos. Ele costumava observá-los pela janela e experimentava atração por eles: eram alegres, tinham amigos, eram os filhos que conforme sua

intuição, seus pais desejariam que ele fosse. Aproximou-se desses dois garotos, e posteriormente passou a ocorrer envolvimento sexual entre ele e os rapazes.

Neste período, ocorria de receber telefonemas de um homem, que lhe falava obscenidades. Algumas vezes ele desligava o telefone, em outras ficava escutando. Assustava-se com os telefonemas, pois, o homem mostrava saber sobre sua vida. Numa ocasião ele disse a seu pai que vinha recebendo esses telefonemas, e o pai não tomou nenhuma atitude. Estes telefonemas ocorreram mais ou menos no período de um ano, com Igor entre 11 e 12 anos, quando então aceitou se encontrar com o tal homem, havendo a partir daí alguns encontros com envolvimento sexual.

Após esse episódio, Igor teve brincadeiras sexuais com seu primo, um pouco mais velho que ele, na época contava com 13/14 anos. Os dois brincavam de luta, nesta brincadeira ficavam excitados e masturbavam um ao outro. O pai de Igor, num dado dia o chamou para conversarem a sós, e perguntou para ele, se era verdade que era homossexual, que o seu primo havia lhe contado, dizendo-lhe que por causa disso não poderia continuar morando na sua casa. Além disso, o pai disse que entre ter um filho homossexual, matá-lo, ou matar-se era o mesmo. Igor nunca havia escutado esta expressão “homossexual”, e negou veementemente que houvesse ocorrido algo entre ele e o primo.

Entre os 14 e 15 anos, Igor teve uma namorada, da qual Igor tocou os seios e a quem masturbou. Aos 16 anos, ele reprovou na 8ª série, e seus pais o matricularam em uma escola estadual. Nesta escola, conheceu um garoto que fumava maconha, e lhe apresentou para outros, com os quais passou a se aproximar e tomar contato com as drogas: primeiro maconha e depois cocaína. Depois desta escola, foi para uma escola técnica.

Aos 17/18 anos passou a usar drogas: aos 17 anos a fumar maconha e aos 18 anos cheirar cocaína. Neste período veio a ter relações sexuais com a mãe de seu filho, para conseguir drogas. Aos seus 20/21 anos, ficou internado por 11 meses em uma Fazenda para tratamento a usuários de drogas, onde tinha acompanhamento de uma psicóloga. Após sair desta internação, passou a trabalhar e retornou aos estudos para se preparar para o vestibular.

A mãe de Igor durante o 6º ou 7º mês de gravidez havia entrando em estafa. Criava as duas filhas; trabalhava numa escola e fazia universidade. Padecia com severas dores de cabeça após o período menstrual, algumas vezes sendo levada ao pronto-socorro. A irmã da avó materna de Igor, também sofria com dores de cabeça, e morreu de aneurisma. O avô paterno de Igor ficou esquizofrênico, entretanto Igor não tinha conhecimento preciso do que havia ocorrido com o avô, porque o mesmo morava no nordeste, e lhe contaram que a partir de uma certa idade, o mesmo passou a ficar trancado num quarto, período que corresponde aos 6/7 anos de Igor.

2. Situação psicopatológica: complicações psicológicas.

Às vésperas do início do processo psicoterapêutico, mais propriamente, alguns dias antes, o paciente havia passado por uma situação de obsessão e tentativa de suicídio. Naquele dia ele saiu do trabalho, e foi para o curso de graduação. Durante a aula debatia-se dividido entre matar-se ou não matar-se: como se houvessem duas pessoas pensando. Por um lado não queria se suicidar, mas por outro o sofrimento e a tristeza na qual se encontrava sua vida, não via outra saída que o suicídio.

Saiu da Universidade, passou num supermercado e comprou: uma garrafa de bacardi lemon e uma lata de veneno de rato. Depois comprou cocaína e foi para casa. Decidiu-se por cheirar cocaína, pois quando havia tentado cortar os pulsos o fato de ter cheirado lhe havia dado força para persistir na tentativa de suicídio. Então ele tomou uma garrafa de bacardi lemon, cheirou cocaína, preparou o veneno do rato e colocou diante de si. Estava ainda dividido, não estava 100% decidido a se matar, foi pensando no suicídio e se desesperando, prestes a tomar o veneno, quando então decidiu ligar para uma amiga. Ligou várias vezes, mas o celular dela estava desligado, e o convencional sempre ocupado, não sabe em que momento conseguiu falar com a amiga, mas após conversar, ficou mais calmo, viu a possibilidade de sair do problema, quando a mesma recomendou psicoterapia existencialista. Ela pediu que jogasse o veneno fora e ele jogou.

Igor ficava desanimado quando pensava na sua situação: estava concluindo o curso de graduação, mas não tinha função. Perguntava-se “*em que terminar o curso vai mudar a minha vida?*”

Nada acontece! Estou vivendo para que?” Gostaria de se organizar com tempo para fazer os trabalhos e se preparar para as provas, mas não conseguia estudar, entrava em ansiedade, ficava irritado, não conseguia se concentrar e perdia a condição para fazer os trabalhos. Acabava sempre fazendo o trabalho na correria, ou copiava o trabalho de outros colegas.

Mesmo numa conversa ou ao assistir um filme era comum se dispersar, e depois não conseguir retomar o conteúdo do filme. Experimentando-se burro, antecipava que não conseguiria concluir a Universidade, e com isso desanimava. Antecipava que não teria condições de realizar o trabalho de conclusão de curso, e que a sua única alternativa seria pagar alguém para fazê-lo. Entretanto, essa alternativa o incomodava, pois conforme as palavras do próprio paciente: *“gostaria de ter o ‘gostinho’ de apresentar algo que fiz, que entendi, senão vai ficar uma coisa vazia, uma representação.”*

Quando estava cheirando cocaína, sozinho no seu apartamento, ficava olhando pela janela, quando via alguém passando, discava para o orelhão, a pessoa atendia ao telefone, conversavam e combinavam de se encontrar perto dali. Depois Igor levava esta pessoa para sua casa. Ficava completamente puxado para entrar na situação. Antes de sair de dentro de casa, escondia tudo que poderia ser perigoso (faca, tesoura, entre outros). Depois de haver a relação sexual, fazia todo um movimento para que o sujeito fosse embora. Depois ficava cheirando e bebendo. No outro dia, depois de passado o efeito da droga, ficava assustado, com medo por haver se colocado em risco. Experimentava-se sujo, promiscuo. Ficava com medo da situação e do que ela poderia acarretar.

Quando não usava drogas também era atraído por envolver-se sexualmente com pessoas desconhecidas. A diferença que havia é que quando não usava drogas ele saía apenas uma vez e se satisfazia ou mesmo algumas vezes tinha a atração, mas se continha. Já quando usava drogas, ele não se continha, e saía com duas ou três pessoas num mesmo dia. Havia pensado na possibilidade de parar de tomar os remédios que utilizava por ser portador do vírus do HIV, antecipando que progressivamente iria adoecendo e morreria, mas avaliou que seria horrível ir emagrecendo progressivamente, que ficaria muito feio, que morreria lentamente. Desistiu de deixar as medicações com este objetivo, mas mesmo

assim não vinha tomando o remédio adequadamente, havia dias nos quais não tomava os remédios, estava desmotivado, e ficava indiferente, tomar ou não o remédio.

Quando saía para festas e boates, tinha a necessidade psicológica de beber para ficar espontâneo na relação com os outros. Mesmo, antes de chegar no local, bebia. No local, bebia compulsivamente, experimentando-se fracassado perante a possibilidade de ser um Igor que se divertiria e se incluiria entre os demais sem precisar beber. Quando estava bêbado, entrava na compulsão por cheirar cocaína.

Igor encontrava-se totalmente na solidão. Embora tivesse uma relação social estável com seus familiares, experimentava-se “um peixe fora d’água”, alguém que não pertencesse efetivamente àquela família, não conseguia experimentar-se sendo filho, irmão, tio, neto, pai. Nas reuniões familiares sempre ficava deslocado, era o “diferente”. Não conseguia ficar em ambientes somente na companhia de seu pai, quando ocorriam situações deste tipo, imediatamente saía, afastava-se. À distância com o pai era mais pesada que a distância com a mãe. Com a mãe a distância havia aumentado quando passou a usar drogas. A relação com o filho era distante, estranha.

3. Caminho pelo Cogito Pessoal

Foi inventariado o Caminho pelo Cogito Pessoal, apenas com os episódios que tiveram função noemática de lança-lo no saber de ser na limitação e deficiência mental, localizando como ele já estava alcançado por esse saber quando foi envolvido nos episódios de abuso sexual, e como estes foram compor, e constituir-se no vetor deste saber de ser na deficiência mental para o fechamento do cogito.

1. Batia com a cabeça – não era normal, era diferente, tinha um problema.
2. Era tratado de forma diferente pelas irmãs, que o protegiam.
3. Balançava o corpo - não era normal, era diferente, tinha um problema.
4. Trancava-se no guarda-roupa - não era normal, era diferente, tinha um problema.
5. No cotidiano em sua casa, sempre se isolava, ficava na sala sozinho, ou no quarto embaixo da cama, ou dentro do guarda roupa, até que o encontrassem.

6. Era mais ingênuo em relação às demais crianças - (qdo a bola ia para o mato, era ele que ia buscar) – era o tolo, o bobo da turma.
7. Consulta ao neurologista – havia algum problema na sua cabeça
8. Uso de gardenal - não era normal, era diferente, tinha um problema.
9. Após o episódio da lixeira, ficou bem forte o ser diferente: ficava mais afastado e mais sozinho.
10. Desde pequeno não conseguia se entender com o pai, parecia-lhe que havia uma barreira entre ele e o pai, e que quem colocava esta barreira era o pai: brigava e era agressivo com o pai.
11. Igor sempre queria estar tocando, abraçando, estar no colo de alguém (irmãs e mãe).
12. Não conseguia conviver muito com os outros, mas não sabia porque.
13. Todos em casa, irmãs e pais, o chamavam de “chato”.
14. O pai às vezes lhe dizia que o tinha encontrado na lata do lixo
15. Consulta ao psicólogo aos 7 anos. Diagnóstico de retardamento mental – tinha um atraso mental, era limitado.
16. Escutou uma conversa entre o pai e mãe, na qual diziam que ele tinha retardamento mental.
17. Dificuldades de aprendizagem – limitação mental
18. Dificuldades de socialização: não conseguia incluir-se com demais crianças na escola – era diferente dos demais meninos, tinha algum problema, e esse problema era de ordem mental.
19. Preocupação das professoras, que conversavam com frequência sobre sua situação com a mãe. – era um menino diferente dos demais, tinha algum problema, e esse problema era de ordem mental.
20. Meninos o xingavam de “bichinha”. era diferente dos demais meninos, tinha algum problema, e esse problema era de ordem mental.
21. Ficava intrigado por não haver fotos suas de quando bebê, e raras de sua infância.
22. Na 7ª e a 8ª série, tinha uma amiga, com que ficava o tempo todo junto, e também estudava com ela.

23. Saiu aos 15 anos, pela 1ª vez num baile com as duas irmãs, que o levaram contrariadas. Ele ficou distanciado das irmãs, apenas observando os outros dançando e se divertindo.

24. Após a internação em função do uso de drogas, o pai o mandou para outra cidade.

4. Compreensão Científica:

Ocorrera com Igor aquilo que chamamos de ruptura sociológica, condição de possibilidade para a solidão humana. No caso de Igor **essa ruptura veio da gênese da sua personalidade e constituiu as variáveis dependentes, se quiser, o alicerce de toda a sua complicação psicológica.** Ou seja, a homossexualidade, a heterossexualidade, o uso das drogas, a própria indefinição perante o futuro, o ser portador de HIV, tudo isso constitui variável independente, ou seja, são como paredes sobre um alicerce, no que se refere à complicação psicológica de Igor, ou se preferem, sua psicopatologia.

Igor sofria na solidão porque o campo de possibilidades que deveria puxá-lo e com isso engendrar-lhe projeto e desejo de ser filho, já foi interditado desde o início, pelas suspeitas de suas limitações de saúde, pelos pais. O problema dele era essa solidão terrível, que tem como ponto de partida aquela ruptura no sociológico, ruptura que se abre como brecha que se põe entre ele e o mundo em todos os seus aspectos: amigos, profissional, amoroso. Ele não está num campo de possibilidades porque foi interditado de ir para ele. **O eixo desse impasse com o sociológico familiar, a impossibilidade de ser o filho que corresponderia à expectativa dos pais, portanto, os pais o tratariam com a expectativa que tem perante os outros filhos, o eixo disso é o sucesso intelectual, a saúde mental, por assim dizer, e não a homossexualidade.**

Ele ficou se batendo heroicamente o tempo todo, tentando achar meios de se constituir fio no tecido, mas não conseguiu resultados e não conseguiria, porque toda sua luta heróica, admirável, não teve o principal, a mudança da elaboração reflexiva dele quanto as suas possibilidades de ser e a mudança da elaboração reflexiva dos pais quanto as suas possibilidades de ser. Isso, antes de qualquer outra coisa, sexualidade, drogas, HIV. Foi nesse cogito originário, impossibilitado de ser filho psicofisicamente inteiro diante dos pais, que Igor se bateu. Ele não se suportava filho inviabilizado, em

função de não suportar o pai e a mãe inviabilizados. E os pais inviabilizados em seu saber de ser, também não o suportavam filho inviabilizado. Não o suportavam, quer dizer, sofriam severamente por isso.

Quando ele estava inviabilizado lá na sua infância, aparecia em paralelo o ser que ele desejaria ser: quando ele se envolveu com os garotos aos 14 anos, ele desejava ser igual aos garotos, e o que era ser igual aos garotos? Um filho viabilizado, com amigos, felizes e tudo o mais. Quer dizer, o projeto sempre esteve ali, mas ele nunca teve esse projeto, ou seja, ele nunca conseguiu entrar nesse projeto, porque quando tentou fazer entrada, houve equívocos e ele próprio se embaralhou. Lá foi visível, ele admirava os rapazes, porque ele desejava ser igual aos rapazes, ou seja, os rapazes eram, ele amanhã, então havia uma atração pelo modelo, pelo ser, pela possibilidade. Agora, ele fez amizade, confundiu a atração pelo futuro, com a sexualidade, os rapazes também misturaram, confundiram, e aí diluíram na sexualidade, aquilo que era na verdade uma atração de ser pelo futuro.

Quando ele foi fazer amizade com esses rapazes, ele teve no horizonte um projeto e desejo de ser, se juntando com eles seria igual a eles, se ele conseguisse fazer com esses rapazes, uma amizade e tudo o mais de modo a segui-los como modelos de ser, ele teria entrado num projeto e desejo de ser. Com os pais ele não encarnava um projeto porque havia uma distância entre ele e os pais que vinha da preocupação dos pais de cuidar especialmente dele por causa dos problemas que ele tinha, então os pais não eram portas para um campo de possibilidades, não eram porque não conseguiam ser, porque se faziam todos cuidados dele, ao invés de se fazer mediação.

A relação de Igor com seu filho não é uma relação de indiferença, é uma relação imprópria no sentido de um ser, não se objetivar para o outro como próprio. Quer dizer, a relação é mais ou menos como, o sujeito jogando futebol e diante dele aparecer uma bola quadrada, uma bola que ele não consegue rolar e que não pode ser rolada. Há muitas coisas aí, mas uma das coisas que há aí, que faz o filho se objetivar para ele com certa impropriedade de ser para a relação dele com o filho, é toda essa complicação dele com a sexualidade, fazendo do filho uma bola quadrada para ele. Aí fica uma relação

dificultada pela situação dos dois, como se fosse ele jogando futebol, e diante dele um objeto quadrado que não dá para rolar. O filho não está na situação de ser de filho para ele, na medida em que, ele não está na situação de pai para o filho, situação em termos de relação fenomenológica, não em termos biológicos, não também em termos afetivos.

5. Planejamento para Intervenção:

5.1) Realizar a Compreensão Científica com o paciente: objetivando como a situação por resolver é a solidão, o seu tecimento no sociológico.

5.2) Articulação interdisciplinar com médico neurologista para verificar a possibilidade de uma bengala química, e também com o infectologista, para que esta medicação não viesse a interferir no tratamento aos seus cuidados.

5.3) Localização das mediações por perfis (filho, pai, irmão, amigo, universitário, profissional), e objetivação de que ser ou para que ser é mediado ser através destas relações, quais as mediações que se compatibilizam, e quais as que se incompatibilizam, no sentido de media-lo ser em possibilidades de ser futuras.

5.4) Resgate do projeto e desejo de ser: objetivando as relações que são mediações e se tecem na viabilização desse projeto e desejo de ser.

5.5) Fazer o Caminho pelo Cogito Pessoal, apenas com os episódios sexuais, objetivando de um lado as determinantes e do outro o desdobramento psicológico. Localizando-o de como era o medo que o lançava para a excitação.

5.6) Fazer o Caminho pelo Cogito Pessoal, com os episódios que tiveram função noemática de lança-lo no saber de ser na limitação e deficiência mental, localizando como ele já estava alcançado por esse saber quando foi envolvido nos episódios de abuso sexual.

6. Intervenção Psicoterapêutica:

6.1) Localizamos o paciente de como no passado ele buscava através do estudo experimentar-se sendo filho, irmão, parte daquela família. Num primeiro momento, ao confrontar-se com essa situação, na própria sessão, o paciente entrou em ansiedade, objetivando para a psicoterapeuta, que estava ficando com uma “*vontade louca de cheirar*”. Então recuperamos com o paciente em que momento sócio-histórico, e em que condições psicofísicas ele se enredou com as drogas. A partir daí recuperou-se que o momento sócio-histórico no qual ele passou a usar drogas e enredou-se de vez com a homossexualidade, envolveram as seguintes ocorrências sócio-históricas: reprovação escolar, transferência de Igor de uma escola particular para uma escola estadual por função da reprovação, sendo que Igor foi alcançado em seu saber de ser como se os pais tivessem dizendo para ele, que ele não tinha mais chance, como se a única ponte que teria para ligá-lo com os pais estivesse sendo rompida.

6.2) Localizamos o paciente como ele não conseguia experimentar-se igual aos outros meninos, igual às suas irmãs, porque tinha uma série de impasses, e a ansiedade por ser bem sucedido nos estudos desdobrava da função que isso teria na viabilização do seu ser filho, irmão, etc. Entretanto ele não ignorava, exatamente pelo que o próprio sócio-histórico impunha que o estudo não seria suficiente para viabilizá-lo como filho, ou seja, suas irmãs, se faziam filhas, não apenas porque eram bem sucedidas no estudo, como também porque tinham amigas, entre outros.

6.3) Localizamos pontualmente a diferença entre atração de ser e atração sexual, para que o paciente identificasse quando estava numa situação em que a atração sexual estava envolvendo uma atração de ser, resultando para um prazer de ser e quando a atração sexual ocorria em termos de corredores, apenas resultando num prazer de órgão.

6.4) Objetivamos a Atmosfera na qual ele passou por duas situações em que se experimentou atraído por mulheres. Numa das situações estava em um encontro entre profissionais, sendo que este seu perfil era continuado pelos demais: filho, irmão, universitário, etc. Noutro contexto, estava em um baile de formatura, ali também em uma Atmosfera em que pelos próprios elementos do contexto o faziam

experimental profissional, filho, irmão, universitário. Localizamos como a atração pela mulher, era atração pelo futuro, e através daquela mulher não vinha apenas o sexual, mas a viabilização do seu ser. Situação inversamente aquela em que convida um estranho para ter relação sexual, e o que desdobra desta relação é apenas prazer de órgão.

6.5) Objetivamos a implicação noemática entre a função da bebida na situação atual e passada, e os acontecimentos atuais que provocavam esta função, ativando as funções hipnagógicas.

6.6) Localizamos como a experimentação de ser psicofísica do Igor na necessidade de beber aos 15 e aos 34 anos, era mesma, por implicação noemática entre as situações do passado e presentes. Demarcamos quais eram as suas condições lá aos 15 anos, e na situação atual, para que ele viesse a se mover conforme as suas possibilidades de ser atuais.

6.7) Localizamos de que o que fazia o impasse entre ele e os pais, não era a homossexualidade, era o intelectual. Na medida em que ele vem se localizando que o impasse não é a homossexualidade, ele vem perdendo a compulsão para a homossexualidade.

6.8) Trabalhamos com ele a situação da praia com o pai como o momento do fechamento do cogito na impossibilidade de ser filho de seu pai. Como até ali, mesmo nas suas dificuldades ele vinha se batendo, no sonho, na esperança de ser fazer filho de seu pai, ao mesmo tempo havia o medo de que suas aventuras sexuais fossem descobertas, pois as sabia como condenadas pelos seus pais. Traçamos uma linha com ele e verificamos mesmo em termos gerais como era a expectativa dele relativamente ao pai e ao ser filho até aquele momento e como ficou depois.

6.9) Localizamos como o acontecimento da praia foi um momento de totalização: a pergunta do pai sobre o que havia entre ele e o primo, o fez confrontar-se não apenas com os episódios ocorridos entre ele e o primo, mas todos os episódios, desde o acontecido na lixeira, e embora ele houvesse negado para o pai que havia ocorrido algo entre ele e o primo, ele, Igor, não tinha como ignorar para si próprio que havia passado por todas aquelas experimentações. Isso fez com que em termos psicofísicos, sabendo-se aquele que tinha passado por todos aqueles episódios era homossexual, e isso perante o pai

equivale a tê-lo como filho morto, experimentar-se interdito de vez para ser filho de seu pai, tendo como única possibilidade ser na representação. Conseqüentemente, objetivou-se como a impossibilidade de ser filho, que o lançou para a homossexualidade, e não o contrário. E deste modo, como ao abrir-se à possibilidade de ser filho, a homossexualidade perde a função e fica insuportável, independente dele querer ou não.

6.10) Procedemos na recuperação dos acontecimentos sócio-históricos passados, e a função no saber de ser do paciente, até o episódio ocorrido com o pai, na conversa em que este questionou se ele era homossexual, e naquela situação o paciente negou, mas não pode ignorar todos os episódios pelos quais havia passado, totalizando-se ou unificando-se todas as ocorrências passadas:

- Episódio da lixeira (abuso) – medo/atração
- Rapaz no apto (abuso) – medo/atração
- Rapaz no apto (abuso) – medo/atração
- Taxista (abuso) (10/11) – medo/atração
- Vizinhos (12) – atração de ser -> confundiu e embaralhou por atração sexual
- Primo (14/15) - medo/atração
- Sr. mandado pela prima – medo
- Conversa com o pai – saber de ser homossexual, sendo homossexual impossibilitado de ser o filho para o pai, e ao mentir, ficando sua possibilidade de ser posta em termos de ser na representação.

6.11) Localizamos como o apavoramento nos abusos sexuais sofridos, era o mesmo apavoramento que o pegava nas situações em que levava desconhecidos para sua casa: como o prazer nessas suas iniciativas de buscar estranhos e de buscar atos homossexuais em situações de extremo risco tem como elemento de atração o que acontece em termos de atmosfera, jamais o que acontece sexualmente.

6.12) Procedemos a recuperação de alguns episódios anteriores à situação da lixeira, outras ocorrências que estiverem entre essas ocorrências da lixeira, e a situação do apartamento. Ocorrências de ordem

empírica tais como: o paciente bater com a cabeça, balançar o corpo. As consultas aos psicólogos e neurologista, o uso do gardenal. O diagnóstico de retardamento mental, e o estigma de ser o bobinho entre os outros meninos. As dificuldades de aprendizagem, de socializar-se, entre outros acontecimentos. Destacamos seu caminho pelo cogito pessoal e a função de todos esses episódios na sua objetivação de sujeito do seu ser entre os outros e as coisas.

6.13) Trabalhamos como ocorre a constituição do saber de ser, utilizando-se do Modelo da Formiga Carregadeira. Localizando-o de como ele ficou prisioneiro no saber de ser o menino com limitações mentais, e por desdobramento, entrou no desespero, e neste desespero vieram todos os descaminhos.

6.14) Procedemos à localização de como os episódios sexuais, foram envolvidos aos demais, e que o impasse fundamental do paciente estava em se saber na limitação mental e por consequência, impedido de viabilizar-se como filho, como um fio no tecido sociológico.

6.15) Realizamos sessão com os pais com o objetivo de localiza-los quanto à complicação psicológica de Igor, bem como dos avanços psicoterapêuticos e da possibilidade dele superar plenamente a sua complicação psicológica.

6.16) Neste encontro, destacamos a localização dos avanços sócio-históricos do filho, irrevogáveis para os próprios pais tais como a conclusão da graduação, a promoção do emprego, a situação de saúde controlada, inclusive com a retirada da medicação.

6.17) Apropriação e localização de Igor relativamente aos seus avanços, e as condições de possibilidade dele haver conseguido estes avanços, utilizando como instrumento o Modelo de Atmosfera Humana.

7. Resultados da Intervenção Interdisciplinar:

7.1) Igor se localizou quanto à função das relações na viabilização de seu futuro, conforme suas palavras, *“parece que acendeu uma luz e iluminou aquelas pessoas que eu destaquei aqui, espontaneamente estou escolhendo estar com essas e não com as outras”*. E também aqueles contextos e relações que não tinham função de futuro, passaram a perder progressivamente a função: saiu num

bar GLS: aquele contexto não lhe dizia nada, as pessoas bebendo caipira pela manhã, falando em comprar cocaína, ficava uma coisa vazia, não estava ali com medo de ser puxado para a coca, mas também não estava fazendo sentido estar ali. Num final de semana antes deste, antecipou para onde iria, com quem estaria, e a função destes contextos e pessoas para a viabilização de seu futuro. Então, escolheu sair com uma amiga que trazia outros amigos, conversas e coisas, ao invés de sair com amigos que lhe traziam as drogas, não literalmente, necessariamente, mas a função desta na relação deles.

7.2) Na relação com o pai, teve experimentações de ser mais próximo dele: mesmo com os pais fora da cidade, foi progressivamente se aproximando deles, antes o comum era falar rapidinho com o pai, e conversar com a mãe, e passou a conversar mais frequentemente com o pai. Numa situação o pai lhe falou que estavam fazendo nhoque, e brincou se Igor não queria ir almoçar com eles; noutra questionou se o filho estava usando seu carro, e disse para usa-lo se fosse necessário. Estas situações ainda não estavam sendo constantes, eram eventuais, mas faziam o paciente experimentar a possibilidade de recuperar-se como fio no seu sociológico. Em outro episódio, quando o pai o convidou para dormir na casa deles, pais. *“estava visível que ele queria que eu fosse lá, estava esperando, conversamos”*.

7.3) Igor retomou o tratamento para HIV, conforme orientação do médico infectologista, que foi esclarecido da situação psicopatológica do paciente e da necessidade da bengala química para o controle dos sintomas. Estando hoje com carga viral indetectável e sem uso de medicação.

7.4) O médico neurologista recomendou o uso de tranquilal 0,5 mg, três vezes ao dia, e o médico infectologista, garantiu que o uso desta medicação não traria nenhum prejuízo para o tratamento aos seus cuidados, ao contrário do uso da cocaína, que o prejudicava em seu tratamento. Ficou estabelecida a articulação interdisciplinar para o tratamento do paciente.

7.5) Ao avançar nas localizações, o paciente progressivamente ganhou condições psicofísicas para realizar seus trabalhos de aula, para fazer o projeto de estágio e a monografia para conclusão da graduação: realizando as iniciativas indicadas pela orientadora, levando para ela revisar, alterando e acrescentando o que ela sugeria, junto ao acompanhamento na psicoterapia relativamente aos avanços

que vinha conseguindo. Progressivamente, ao envolver-se, avançava, e quanto mais estava avançando, mais estava sendo puxado para fazê-lo. Ao concluir a graduação inscreveu-se num programa de pós-graduação, bem como foi promovido no seu trabalho.

7.6) No seu ambiente de trabalho realizou um curso para os funcionários. Apenas nos primeiros vinte minutos no primeiro dia, ficou ansioso e tenso, mas logo, se tranqüilizou, usou transparência, fez brincadeiras e perguntas para realizar um curso descontraído, não gaguejou, não teve branco. Após haver realizado o curso ficou seguro de que tinha condição, aproximou-se mais dos colegas de trabalho, experimentou-se mais capaz, importante, fazendo parte de. Passou a ser mais puxado para o trabalho, e observou que o seu gerente tinha segurança no seu trabalho. Os pais não estavam na cidade neste período, e Igor ligava para compartilhar suas conquistas, “*tinha a necessidade de*”.